

# Jornalismo participativo, subjetividade e práticas discursivas\*

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi  
GRZESIUK, Mariana Dourado

## Resumo

Este artigo propõe uma análise da linguagem do jornalismo participativo – aquele em que pessoas sem formação jornalística participam do processo produtivo noticioso –, comparando um texto publicado no site colaborativo de notícias *Brasil Wiki* com um texto sobre o mesmo assunto, produzido por profissionais da redação da *Folha Online*. Considerando que o cidadão não passa pela formação acadêmica do jornalismo, não tem vínculos com a empresa de comunicação, não possui orientação alguma de produção, exceto a própria vontade de se expressar, nem sofre constrangimentos organizacionais e financeiros, procura-se evidenciar aspectos da postura discursiva diferente daquela do jornalista profissional, ao possuir diferentes motivações, objetivos e relações com os fatos.

**Palavras-chave:** Linguagem – Subjetividade – Jornalismo participativo – *Brasil Wiki*.

## Abstract

*This paper proposes an analysis of the language of citizen journalism - in which people with no journalistic training take part of the news production process - through a comparison of a text published in the collaborative news website Brasil Wiki with a text of the same subject produced by professionals of the Folha Online. Whereas the citizen does not have an academic training in journalism, has no links with the communication company, has no guidance for production other than his own will to express, nor suffer financial and organizational constraints, we seek to highlight different aspects of participative discourse from a professional journalist, with different motivations, objectives and relations with the facts.*

**Keywords:** Language – Subjectivity – Participative journalism – Brazil Wiki.

---

\* Versão revista de trabalho originalmente publicado como: DOURADO, M. e MÉDOLA, A.S. L.D. A subjetividade do discurso: uma análise lingüística do jornalismo cidadão. In: MARÇOLLA, R. e OLIVEIRA, R.R. *Estudos de Mídia Regional Paulista*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

A linguagem do jornalismo participativo – modalidade na qual as pessoas sem formação jornalística participam ativamente da produção de conteúdos noticiosos –, com algumas diferenças, também pode ser identificada em práticas de produção e conteúdos denominadas como jornalismo colaborativo, cidadão, *grassroot* ou *open source*. Num primeiro olhar, tais produções sugerem a predominância de posturas geralmente mais opinativas e com maior subjetividade – características que podem ser apontadas e analisadas pelas marcas enunciativas dos discursos correspondentes.

Uma vez que o cidadão comum não passa pela formação acadêmica do jornalismo, não tem vínculos com a empresa de comunicação, não possui orientação alguma de produção que não a própria vontade de se expressar e não sofre constrangimentos organizacionais e financeiros, ele possuirá uma postura discursiva diferente daquela do jornalista profissional. Parte-se do pressuposto de que suas motivações, objetivos e relações com os fatos serão diferentes, e seus textos terão características mais opinativas e dotados de maior subjetividade – o que poderá ser apontado e analisado a partir das marcas linguísticas textuais. Por isso é importante estudar essas diferenças, à medida que a participação e a interatividade são cada vez mais valorizadas na comunicação atual e têm potencial para trazer mudanças para a prática do jornalismo.

A partir de conceitos sobre enunciação desenvolvidos no escopo teórico da semiótica discursiva, em diálogo com autores da análise do discurso como Benveniste (1988, 1989), Cervoni (1989), Baccega (1998), Charaudeau (2006), Gomes (2000) e Kerbrat-Orecchioni (1980), este artigo estabelece uma comparação entre um texto publicado no site colaborativo de notícias *Brasil Wiki*<sup>1</sup> e outra abordagem do mesmo assunto, divulgada na *Folha Online*<sup>2</sup>. Antes, contudo, será realizada uma breve revisão da literatura teórica sobre o jornalismo participativo e suas características, além de uma descrição sucinta da proposta do site *Brasil Wiki*.

## O jornalismo participativo

Interatividade é a característica aclamada como um dos principais avanços dos processos comunica-

tivos atuais. Desenvolvida em níveis variados (desde operações puramente reativas em meio a opções dadas à participação ativa nos conteúdos), ela gera níveis de reciprocidade da comunicação, criando efeitos de sentido de intervenção do receptor na construção das mensagens.

O surgimento de diversas tecnologias favoreceu a ampliação da interatividade, ao facilitar o processo de geração de conteúdo, como as câmeras fotográficas cada vez menores e mais simples, além dos telefones celulares. E foi por meio da Internet que a prática se tornou mais comum. Interativa por excelência, a *web* disponibiliza ferramentas de produção e distribuição de informações por parte de qualquer indivíduo. As pessoas tornam-se capazes de atuar como emissoras de informações, o que passa a ser utilizado na atividade jornalística, propondo que qualquer indivíduo pode produzir e publicar “matérias”. Baseadas numa estrutura horizontal e plural, as pessoas ganham papel ativo no recolhimento, análise, escrita e divulgação de informações – funções que antes eram restritas aos meios de comunicação (Rodrigues, 2006). Ou seja:

O jornalismo deixou de ter mão única para ser um processo em que estão desaparecendo as barreiras entre produtores e consumidores de informação – e no qual o jornalista perdeu a exclusividade do manejo e da transmissão de notícias. [...] A idéia central é a de que a elaboração da notícia está se tornando um processo contínuo, colaborativo e interativo. Este processo tem como características principais a transparência e a participação (Castilho, 2004, s/p).

Devido a essa participação, é possível acessar imagens que dificilmente são feitas pela mídia tradicional, uma vez que é impossível prever todos os acontecimentos ou estar com uma equipe de reportagem de plantão em todas as esquinas. O acréscimo se dá também com a inclusão de novos e diferentes pontos de vista. “[...] o público acrescenta conteúdo, opina ou mesmo apresenta novas versões da informação inicial. Isso gera um espaço de troca e diversidade” (Brambilla, 2006, p. 7). Esta diversidade pode apontar para um potencial mais descentralizado da rede e a possibilidade de equilibrar a circulação da informação frente ao poder das mídias tradicionais (Vilches, 2006). Embora ainda esteja longe de um acesso realmente democrático e igualitário, o público começa a usar ferramentas comunicativas para influenciar a esfera de produção das informações, interferir nos conteúdos e nas grades de programação, proporcionar o surgimento de novas linguagens e novas práticas comunicativas. Com a Internet, as mí-

1 A respeito desse site, ver: <<http://www.brasilwiki.com.br>>.

2 A respeito desse portal, ver: <<http://www.folha.uol.com.br>>.

dias deixam de ser apenas instrumentos de empresas privadas, para se tornar ferramentas de visibilidade e estímulo do debate público (Almeida, 1998).

Entre as principais motivações para a participação do público na mídia – além das curiosidades, tragédias e acontecimentos de grande repercussão –, encontra-se a insatisfação com o conteúdo apresentado na mídia tradicional, quando a esta falta aprofundamento, ou quando o cidadão se irrita com imprecisões e erros (Primo; Träsel, 2006). Gillmor (2004) afirma que a prática do jornalismo participativo se deve à necessidade que a audiência sente de maior transparência na comunicação: “[...] o público demanda por mais transparência no nosso campo de atuação, e está fazendo algumas reportagens por si mesmo quando nós falhamos em correspondê-lo de modo satisfatório”<sup>3</sup> (Gillmor, 2004, p. 61). Assim, os indivíduos são motivados a expor suas opiniões, temas diferentes e novos enfoques – representando, assim, a oportunidade para o público se expressar sobre o que lhe interessa e tentar preencher as lacunas da mídia tradicional.

Entretanto, Brambilla (2006) reforça a necessidade da existência do jornalista como profissional mediador e autoridade que dá credibilidade aos assuntos debatidos pelo público. Para esta autora, a edição é necessária à credibilidade e não anula o conceito da intervenção do público nas notícias, que participa ativamente em diversas escolhas. Dessa forma, só o crivo profissional é capaz de elevar a informação ao status de notícia, avaliando a credibilidade e a veracidade dos dados divulgados e organizando-os hierarquicamente no interior do produto jornalístico. Esta mesma opinião é partilhada por Rodrigues (2006, p. 63): “qualquer um pode publicar, mas a necessidade de um mediador ainda existe”. Nessa reconfiguração, o jornalista teria como principal função organizar as idéias e dar a elas um formato que facilite a fruição por parte da recepção. Assim:

Desmistificaria o jornalista como um propagador de pontos de vistas soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública (Brambilla, 2006, p. 53).

Exemplo desse tipo de produção jornalística é o *site Brasil Wiki*, um dos objetos de análise neste artigo.

3 No original: “[...] the public is demanding more transparency in our own field, and is doing some reporting of its own when we fail to respond in satisfying ways”.

## O site *Brasil Wiki*

Lançado na *web* em novembro de 2006, *Brasil Wiki* é um site colaborativo, no qual o internauta pode publicar textos, fotos ou vídeos. Tendo como slogan “Você é o repórter”, nasceu de uma parceria entre os jornalistas Eduardo Mattos e José Aparecido Miguel. O empreendimento foi inovador no país e, em um ano, mais de 60 mil usuários já acessavam o *site*, cujo objetivo é abrir espaço para que todos publiquem informações, criticando a forma unidirecional da imprensa tradicional.

Para ser publicado, o material passa por uma edição de jornalistas profissionais que revisam todos os conteúdos. As matérias que são enviadas entram no *link* Pendentes – e já podem ser lidas pelos internautas –, no qual os editores as acessam, editam o material quando consideram necessário e conferem a ele um destaque maior ou menor no portal. Por meio desse trabalho, são verificadas a possibilidade de plágios, a veracidade das informações e a correção ortográfica. Os jornalistas responsáveis também organizam a página inicial, distribuindo os conteúdos entre dez editorias temáticas e destacando as matérias mais importantes por meio de chamadas. O *site* recebe em média quinze matérias por dia, a maioria com conteúdo literário e sobre o cotidiano, nesta ordem.

Para ser um wiki-repórter (como são chamados os colaboradores) e enviar materiais, é necessário fazer um cadastro com informações simples como nome, profissão, data de nascimento, cidade e e-mail. É preciso também concordar com os termos de uso<sup>4</sup>, que determina a não divulgação de conteúdos criminosos, exemplificados como material racista, homofóbico, pedofilia, apoio ao tráfico de armas, incitação à violência, intolerância religiosa, incentivo à prostituição infantil, apologia ao tráfico e ao uso de drogas, ou com intuito difamatório ou calunioso. Nesse mesmo documento, num texto publicado na abertura do *site*, os editores concordam em preservar a diversidade do conteúdo, propondo ampliar a oferta de informação sem que o estilo discursivo ou as opiniões autorais sejam modificadas durante a edição.

## A notícia e os pontos de vista

Toda notícia jornalística é manifestada por um texto, no sentido semiótico do termo, que pode ser

4 Disponível no link Política de Privacidade: <[http://www.brasilwiki.com.br/sobre.php?id\\_info=3](http://www.brasilwiki.com.br/sobre.php?id_info=3)>.

definido como uma enunciação enunciada (Greimas, Courtés, 2008), sendo a enunciação caracterizada por Benveniste (1989) como o ato de colocar a língua em funcionamento. Assim, o discurso, resultante do ato de produzir um enunciado, é determinado pelas estratégias enunciativas com as quais o enunciador mobiliza a linguagem. Todo enunciado, então, emana de um fazer discursivo voltado para a geração de conteúdo. Nessa ação de se propor sujeito organizador de um discurso aparecem as marcas de subjetividade que identificam determinadas relações entre enunciador (eu) e enunciatário (tu) numa estrutura de diálogo inerente à enunciação enquanto termo complexo que engloba a relação eu/tu como projeções de pressuposição lógica.

Toda linguagem é então parcial, pois não emana de si só como algo certo e objetivo, mas é um objeto construído socialmente por indivíduos e, portanto, como construção, é carregada de subjetividade, que é a marca do posicionamento do sujeito enunciador (Greimas, Courtés, 2008), determinado por suas posturas ideológicas, culturais e sociais. O discurso é então influenciado diretamente pelo enunciador, pelos valores que ele projeta no texto, pelo contexto em que está inserido, pela imagem que tem de seu público como simulacro e pelos contratos que deseja estabelecer com o destinador da comunicação.

Na perspectiva teórica da análise do discurso com a qual procuramos dialogar, Fairclough (1995) propõe um método crítico para a análise do discurso que reconhece as relações sociais por trás da linguagem – seja ela escrita, falada, acompanhada de imagens ou de comunicação não verbal. Para esse autor, o discurso é visto como uma prática social, uma ação situada num contexto de relações históricas e sociais que constrói e é construído pelo discurso, atuando para estabelecer ou reproduzir identidades, relações sociais, conhecimentos e crenças. Nesta mesma direção, Cervoni, (1989, p. 18), afirma que “é preciso levar em conta as condições de produção dos enunciados, tanto para o estudo da significação das frases, quanto para o sentido dos enunciados”. Mais do que isso, a análise da construção de sentidos deve considerar que o discurso não é o referente do real, mas objeto que cria referentes reais internos a ele mesmo. Isto acontece porque “o princípio de um sentido construído é não-dissociar a forma e o conteúdo e, conseqüentemente, compreender que toda escolha de formulação retroage sobre o referente deslocando suas significações” (Dahlet, 1994, p. 111), ou seja, o sentido é construído no próprio ato da

enunciação, e as escolhas da forma determinarão o conteúdo.

Portanto, a subjetividade que é apreendida do conteúdo manifestado terá efeitos variados na própria estrutura textual, ou seja, a linguagem carregará marcas e formas de organização que denunciarão a subjetividade (Benveniste, 1988). Isto acontece porque o ato de usar a linguagem pressupõe uma série de escolhas variáveis e operações de determinação, que indicam as relações que o enunciador possui em relação àquilo que transmite e àquele com quem ele fala. Desde a escolha das grandezas semióticas até a ordenação e organização, o enunciador marca sua posição e seus pontos de vista no discurso por meio de projeções discursivas com marcas de tempo, pessoa, espaço, isotopias temáticas e figurativas, bem como valores.

As construções discursivas revelam como o sujeito enunciador se posiciona perante o assunto (se afirma, nega ou duvida), e perante o enunciatário (se questiona, apela ou ordena), imprimindo uma intencionalidade no sentido de direcionar a mensagem. Por meio da análise dos procedimentos de discursivização é possível evidenciar o caráter afetivo e os juízos de valor presentes no texto, que carrega significados determinados, construídos social e culturalmente. A partir disso, é possível entender a oposição subjetividade/objetividade não como uma dicotomia, mas como gradação, isto é, a subjetividade do discurso nunca será nula, mas variável quanto à intensidade.

A afirmação de um discurso permanentemente subjetivo (em grau maior ou menor) contraria a legitimação da prática jornalística, que reivindica para si um discurso isento, objetivo e imparcial. Para se fazer crível e repassar informações como reflexos verdadeiros do real, o jornalismo se intitula como relato fiel dos fatos, como se a mediação (que interfere no significado) não existisse. Baccega (1998) alerta justamente para essa mediação, mostrando que, enquanto atividade que parte de indivíduos (ou empresas de comunicação) que possuem determinados pontos de vista e interesses, refletidos nas representações dos fatos, o jornalismo não pode ser entendido como representação fiel da realidade, mas como produto socialmente determinado, como acontece com qualquer discurso.

Os processos de seleção, inserção e ordenação dos acontecimentos tornam a notícia parcial, responsável por leituras de mundo e produtora de sentido e memória, ao interpretar os acontecimentos no interior de um determinado processo histórico (Mariani, 1999). Ignorar a não neutra-

lidade leva a recepção a acreditar acriticamente no discurso midiático, conduzindo a práticas de manipulação ou imposições de sentido, naturalização e institucionalização de significados (Mariani, 1999), além de outros efeitos de sentido, como demonstra Fowler (1991), por exemplo. Este autor discute a condução e a manutenção de estereótipos pejorativos, por parte da mídia, que acabam contribuindo para uma categorização ideológica responsável por estimular práticas sociais de discriminação (Fowler, 1991).

Entretanto, os efeitos da subjetividade não são intenções de um único responsável, mas de um conjunto de profissionais: produtores, repórteres e editores. Para Charreudau (2006), a notícia é, antes de tudo, produto de uma complexa “máquina de informar”, ou seja, passa por diversos filtros construtores de sentido, recebendo a influência de múltiplos atores, cada qual submetido a regras e restrições, procedimentos e condições de realização. Na abordagem semiótica, o conjunto dos atores da enunciação forja o simulacro do destinador da comunicação.

Nessa máquina, a cultura profissional desenvolveu características de um discurso e estratégias enunciativas próprios que tentam amenizar ou mascarar a subjetividade que denunciaria posicionamentos ideológicos de jornalistas e de veículos de comunicação. Mesmo incapazes de apagar todas as marcas linguísticas que os caracterizam como locutários construtores de sentido, os profissionais de comunicação, em sua busca por manter a falácia da imparcialidade, utilizam determinadas expressões e construções para tentar reduzir a intensidade da subjetividade. Entre as estratégias utilizadas para isso, Gomes (2000) aponta: o uso de citações como fontes e testemunhos que remetem a responsabilidade das informações a terceiros; as tentativas de excluir a relação com o locutário, para apagar o diálogo e impossibilitar a contestação das informações, que devem ser consideradas verdadeiras; as tentativas de ausentar o próprio locutor, como se os fatos fossem relatados por si mesmos, sem nenhuma intervenção pessoal; e o uso da terceira pessoa, para impor a impessoalidade como forma de distanciamento e imparcialidade de valores.

Estes não são procedimentos interiorizados por aqueles que praticam o jornalismo participativo. Alguns podem até conhecê-los e tentar reproduzi-los, mas em geral eles não compartilham, por vários motivos, o mesmo posicionamento profissional. Primeiro, por não terem necessariamente a formação jornalística e não estarem sujeitos à necessidade de reafirmar

a atividade enquanto instituição legitimada pela imagem de imparcialidade. Segundo, por não serem dependentes de nenhum veículo de comunicação que os confine a determinadas regras que supostamente garantam a pretensa neutralidade. Vale ressaltar:

A desvinculação do cidadão-repórter a uma estrutura empresarial pode ser um ponto positivo no que toca ao alcance da liberdade individual, uma vez que não deve obediência, tampouco está subordinado a chefes que condicionarão o seu sustento (Brambilla, 2006, p. 169-170).

Não afirmamos que o “cidadão-repórter” não possa estar sujeito a pressões sociais. Entretanto, ao contrário do repórter, ele fala por si mesmo e não por uma empresa jornalística que tolhe seu trabalho intenso e diretamente. Falamos de maior liberdade individual para expor justamente os pontos de vista de forma aberta e natural, e não ocultá-los.

Brambilla (2006) destaca isto como uma espontaneidade que contribui para a flexibilidade do trabalho final, tanto no conteúdo como na linguagem, possibilitando ao cidadão a liberdade de fugir das características jornalísticas apontadas por Gomes (2000). A mesma ideia pode ser demonstrada quando se afirma que o jornalismo participativo facilita “a experimentação de novos formatos de textos, não necessariamente presos aos esquemas tradicionais da pirâmide invertida”, pois nesses termos “não há necessidade de submissão aos controles através de regras e padrões de produção de textos da grande imprensa” (Peruzzo, 2003). Abre-se espaço para um texto mais livre, menos preso a processos editoriais da “máquina de informar” (Charraudeau, 2006).

O cidadão geralmente participa e envia materiais sobre assuntos que aprecia, com os quais tem afinidade ou se sente atraído, decidindo não só o assunto, mas sob que forma ou enfoque irá abordá-lo. Escreve sobre temas que conhece, sobre os quais possui alguma experiência ou que estão presentes no seu dia-a-dia. Nessas produções, muitos dos interagentes são *experts* no assunto e escrevem por prazer e diversão. Dessa forma, a pauta vai depender unicamente de seu interesse pessoal. “[...] os interagentes que produzem conteúdo para sites de notícia o fazem de modo voluntário, de acordo com a própria vontade e disponibilidade” (Brambilla, 2006, p. 75). Assim, geralmente ocorre um envolvimento passional com os temas, o que leva o cidadão a participar da comunicação, pois “boa parte das pessoas comuns ainda assume uma atitude emocional ao participar da produção de notícias” (Castilho, 2004, s/p.).

Todas essas condições apresentadas por Brambilla (2006), Castilho (2004) e Peruzzo (2003) representam um contexto de produção diferente, que pode ser contrastado com a postura profissional e analisado pela identificação das estratégias enunciativas utilizadas. Observaremos, então, algumas das marcas que demonstram essa diferença de postura e a característica de cada situação.

Nessa análise, vamos comparar dois textos sobre um mesmo assunto: a chamada “Virada Cultural de São Paulo (SP)” em 2009. O evento é promovido anualmente pelo governo estadual e promove shows e atividades culturais gratuitos para a população durante vinte e quatro horas em algumas cidades do Estado. Naquele ano, as atrações na capital começaram no final da tarde do sábado (02/05/2009) e terminaram no final da tarde do domingo seguinte. Um dos textos da análise foi produzido por um jornalista da redação da *Folha Online* e publicado no dia 03/05/09; o outro, publicado no mesmo dia, é de autoria de um cidadão denominado “Ventania”, que participa do *site* colaborativo de notícias *Brasil Wiki*. Neste, o autor conta como foi sua experiência durante o evento. Para uma comparação mais próxima, escolhemos um texto da mídia produzido no último dia da Virada Cultural, que também apresenta uma visão geral do que aconteceu durante os shows.

## O texto profissional

Vejam inicialmente trechos da matéria publicada pela *Folha Online*:

### **Virada Cultural levou 4 milhões de pessoas ao centro, diz Kassab**

Da Folha Online

O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (DEM), disse neste domingo que a Virada Cultural deste ano levou pelo menos 4 milhões de pessoas ao centro da cidade. O cálculo foi feito pelo prefeito por volta do meio-dia e o número oficial deve sair somente após a última atração, às 18h. Porém, a estimativa já é igual ao público que compareceu em toda a edição do ano passado. “Evidente que nós precisamos aguardar o fim do dia porque tem mais eventos. Mas nós já podemos afirmar que não teremos menos de 4 milhões de pessoas”, afirmou o prefeito.

Segundo Kassab, os organizadores da Virada Cultural pensam em realizar as atrações em locais mais afastados do centro porque o público de um evento “emendou” com o de outro. “Ficou um mar de gente”, afirmou ao lembrar das imagens aéreas gravadas pela prefeitura ontem à noite.

O prefeito afirmou que o número de “incidentes” registrados foram compatíveis ao público e nenhuma ocorrência “grave” foi registrada. Porém, admitiu que o fechamento da estação República do metrô foi um problema para as pessoas que participaram das atrações. Mas o fechamento foi “totalmente compreensível” pela necessidade das obras de ampliação.

### Sujeira

Questionado sobre o excesso de lixo e a reduzida equipe de limpeza nas ruas de São Paulo, o prefeito afirmou que o problema “está sendo solucionado”. “São esses aspectos que, a cada Virada, nós melhoramos. Tudo será fruto de avaliação, seremos muito detalhistas com esses aspectos, porque o que a gente quer é que, a cada ano, seja uma Virada melhor”, disse Kassab. O prefeito nega que haja problemas na limpeza das ruas. “O lixo está sendo recolhido, nós temos essas informações”, disse à reportagem.

A Virada Cultural deste ano se encerra às 18h com o show da cantora Maria Rita no palco da avenida São João. Veja a programação da Virada Cultural deste domingo.<sup>5</sup>

O título do texto apresenta dois aspectos importantes do discurso jornalístico tradicional: o uso de números e a referência a citações. Os termos numéricos evitam imprecisões e buscam apresentar uma noção mais exata de qual foi a dimensão do evento, com o objetivo de surtir um efeito de “real”. Assim, é melhor dizer que “4 milhões de pessoas compareceram” do que “muita gente compareceu”, pois as grandezas de muito e pouco são relativas. Para alguns, quatro milhões pode ser muito, mas pode ser pouco, se a expectativa era de 40 milhões, por exemplo.

Outra característica marcante em todo o texto é a presença de citações, que Gomes (2000) evidencia pelo uso de *shifters* de escuta ou testemuniais, ou seja, verbos ou expressões que mencionam o ato do informador, do enunciante referido, das fontes e do testemunho. Temos no exemplo: “diz”, “disse”, “afirmou”, “segundo Kassab” e “admitiu”.

O texto analisado usa como única fonte o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab – prática incomum no jornalismo, que costuma buscar várias fontes para analisar o evento sob diversos pontos de vista, ouvindo todos os envolvidos de forma igualitária. Entretanto, a prática é mais recorrente no jornalismo *online*,

5 Matéria extraída do *site Folha Online*: <<http://www1.folha.uol.com.br/fohla/ilustrada/ult90u559879.shtml>>.

no qual a notícia é instantânea, precisa ir ao ar rapidamente, e depois pode ser complementada por outras matérias e outros pontos de vista, formando uma rede informativa noticiosa por meio dos links.

O uso das citações serve para exemplificar por meio de relatos ou para transmitir a informação sob o ponto de vista de quem viu, de quem presenciou, partindo do pressuposto de que quanto mais próxima a pessoa estava do acontecimento, mais real e fiel é o seu relato. Assim, não é o jornalista quem conta o que aconteceu, pois ele não estava necessariamente no momento do acontecimento, mas quem fala é a própria testemunha. Isso permite depreender um caráter de autoridade das afirmações, que ganha maior intensidade quando as fontes são autoridades ou pessoas consideradas importantes na sociedade. Assim, na matéria analisada, não é qualquer transeunte que afirma que “a Virada Cultural deste ano levou pelo menos 4 milhões de pessoas ao centro da cidade”, mas o prefeito da cidade, uma figura de poder. Respeitado pelo cargo que possui, suas informações são mais críveis do que se fossem afirmações feitas pelo próprio jornalista, que não teria como inferir intuitivamente o número de pessoas presentes sem ser impreciso, ao contrário do prefeito, que, devido à sua posição, deve ter acesso a algum tipo de estimativa e é autorizado a repassar os números formalmente. Ainda assim, a matéria coloca a informação do prefeito em dúvida, ao afirmar em seguida que a contagem oficial ainda não foi finalizada.

Além de dar autoridade às afirmações, o discurso citado também serve para eximir a responsabilidade do enunciador sobre as informações fornecidas por terceiros, criando para o jornal um efeito de imparcialidade. O profissional da comunicação deixa claro que o discurso não é dele, e sim da fonte enunciativa. Portanto, o responsável pelo posicionamento discursivo repassado é exclusivamente a fonte. Assim, muitas vezes o jornalista usa aspas para evidenciar essa transferência de responsabilidade quando não quer se comprometer com os termos usados pela fonte, deixando evidente a subjetividade de todo o discurso.

No caso de “emendou” e “ficou um mar de gente”, as expressões podem ser consideradas muito particulares ou informais, e as aspas responsabilizam o prefeito pela analogia. Já ao salientar as palavras “incidentes” e “grave” no discurso de Kassab, o jornal coloca as expressões em dúvida, evidenciando sua indeterminação e questionando os parâmetros de definição utilizados pelo prefeito sobre o que é um incidente e o que é grave. Dessa maneira, é na concepção de Kassab que os incidentes ocorridos foram

de pequena repercussão e gravidade, mas pode ter sido diferente sob o ponto de vista de outras pessoas – especialmente os envolvidos, por exemplo. E de forma ainda mais irônica, as expressões “totalmente compreensível” e “está sendo solucionado” são destacadas para evidenciar a fidelidade à fala do prefeito, deixando implícito que a responsabilidade da informação é de Kassab e que o jornalista não concorda necessariamente ou pode comprovar. Sendo assim, deixa entender que essa informação pode não ser verdadeira e coloca em dúvida a fala de Kassab. Se essas informações tivessem sido repassadas pelo discurso indireto, sem aspas, elas não trariam esse efeito de dúvida que leva o profissional ao ato de salientar que as palavras foram emitidas pela fonte.

Assim, o repórter também utiliza o recurso das aspas para transmitir a ideia de que está repassando as informações de um discurso de outro, exatamente como foram ditas, de maneira fiel, sem que o conteúdo sofra qualquer influência manipuladora ou de censura. Podemos observar no texto a presença de citações de frases inteiras nos parágrafos segundo, sexto e sétimo, além dos exemplos apresentados acima.

Em nenhum momento da reportagem aparece explícita a presença discursiva da pessoa do jornalista enquanto um *eu* que fala, utilizando a terceira pessoa para manter a ideia de imparcialidade e distanciamento, como aponta Gomes (2000). Essa indeterminação do sujeito que enuncia é reforçada pela assinatura “Da *Folha Online*”, remetendo a responsabilidade a um grupo que trabalha em uma redação empresarial e não a um indivíduo profissional. Mesmo sendo possível depreender posicionamentos ideológicos, especialmente uma postura modal que coloca em dúvida as afirmações de Kassab, o texto *per se*, como discurso dado pelo jornalista, não deixa explícitas as opiniões nem as posturas valorativas, fazendo disso um dispositivo de isenção para reforçar o efeito de imparcialidade.

O texto não apresenta termos axiológicos com conotações fortes e estáveis, como define Kerbrat-Orecchioni (1980). Entre os poucos adjetivos estão “excesso” (referindo-se a “lixo”) e “reduzida” (para se referir a “equipe de limpeza”). Estes, embora imprecisos na dimensão quantitativa, são passíveis de verificação e não possuem necessariamente valores apreciativos negativos, indicando apenas indiretamente uma possível falha na organização (ideia reforçada pela negação de Kassab mais adiante), o que pode ser deduzido como opinião do jornal, mas não são marcados de forma explícita e, principalmente, admitidos como tal.

## O texto participativo

### Virada Cultural ou virada para beber?

Ventania, São Paulo (SP)

Minha primeira ida à Virada Cultural, em São Paulo. Por volta de 19h00 de sábado cheguei ao palco principal do evento na avenida São João, já me surpreendendo com o número de pessoas que circulavam por aquele trecho da cidade. Tentar chegar perto do palco foi impossível, tanto pelo número de pessoas, como pelo número de ambulantes que vendiam, na sua grande maioria, bebidas. Não era possível andar dois metros sem trombar com uma caixa de isopor na cabeça ou nos pés.

Não foi isso que me impediu de, após me instalar pertinho do telão, deliciar-me com o perfeito casamento da Orquestra Sinfônica de São Paulo com o tecladista da banda de rock, Deep Purple, Jon Lord. A ponto de fechar os olhos e querer que o momento fosse eternizado.

Um evento como esse transforma a cidade. Dá vida a um centro sempre deserto à noite e nos finais de semana. Seria uma grande sacada transformar estes eventos, em números menores, mais freqüentes para restaurar o glamour do centro da cidade. Passei por várias apresentações: rock na

Praça da República, balé no Vale do Anhangabaú, DJs da Praça de São Bento, e pela magnífica apresentação do Canto das Sirenes, na Praça do Patriarca. Tudo muito bem organizado pela Prefeitura de São Paulo.

E ao ver toda essa grandiosa montagem sinto tristeza por perceber que nosso povo não está preparado para um evento como esse. Foi degradante ver adolescentes caídos, desmaiados por excesso de bebida. Quanto mais alta a hora da noite, mais e mais bebidas circulavam e mais pessoas caídas pelas ruas. Adolescentes mal educados gritavam nos ouvidos de passantes. Andavam com garrafas de vodka, vinhos, cachaças, que passavam de boca em boca.

Esta é uma triste realidade da Virada Cultural. Uma virada para beber. Uma virada onde se permite que ambulantes tomem conta de todo espaço e levem das mais variadas bebidas ao público. Sem nenhum controle de como isto é obtido e repassado. Uma virada que fará com que a cada ano as famílias deixem de ir com seus filhos à cidade por medo e dêem lugar aos bêbados e vândalos.<sup>6</sup>

O posicionamento discursivo do enunciador do

texto publicado no site *Brasil Wiki* é notadamente diverso do posicionamento profissional jornalístico que percebemos no texto anterior. Considerando a existência de níveis de subjetividade apontados por Kerbrat-Orecchioni (1980), podemos afirmar que o texto participativo é apresentado de forma muito mais subjetiva que o profissional, sem negar esta característica no último.

A primeira e mais evidente diferença é o uso da primeira pessoa. Embora tendo a identidade real encoberta pela característica do meio em que se inscreve (a Internet) – quem é “Ventania”? –, o enunciador do discurso é claramente definido como um *eu* concreto. A actorialização (*eu* – deduzido pela conjugação dos verbos: “me surpreendo”, “me impiediu”), temporalização (“sábado”, “19h00”, tempo verbal no passado: “fui”, “cheguei”, “foi”) e espacialização (“Virada Cultural”, “São Paulo”, “avenida São João”) marcam o enunciador claramente no discurso, estabelecendo interpelação com o público que o lê, sem preocupação de ocultar esse posicionamento discursivo ou a relação “*eu-tu*” que determina e evidencia a subjetividade discursiva.

Com a subjetividade explicitamente marcada, identificaremos o texto participativo voltado para o gênero opinativo como predominância, ao contrário do texto jornalístico profissional noticioso, voltado para um gênero predominantemente informativo. No exemplo participativo, a postura opinativa já se evidencia no título. A pergunta feita pelo autor pressupõe que o texto ofereça uma resposta, que será uma tomada de posição indubitavelmente ideológica ou de opinião.

A atitude fortemente ativa e posicionada do *eu* que fala também é assegurada na medida em que o autor não utiliza nenhuma citação para se apoiar e usá-la como embasamento ou reforço. Todas as asserções e questionamentos de conteúdo são feitos pelo próprio enunciador a partir do que ele viu, experimentou e sentiu. No primeiro texto, é Kassab quem informa ao jornalista todas as informações sobre o número de pessoas, quando sairá o resultado da contagem oficial, a não ocorrência de incidentes e as medidas quanto ao problema da sujeira. No segundo texto é o próprio enunciador quem diz que muita gente esteve presente, que mal se podia caminhar na multidão, que os shows foram bons e que havia jovens bêbados, o que marca outra diferença importante entre os dois textos.

Enquanto o jornalista profissional se coloca como mediador da realidade, ele não tem autonomia para fazer inferências, necessitando sempre do apoio das citações. Já o repórter cidadão possui essa indepen-

6 Matéria extraída do site Brasil Wiki: <[http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id\\_noticia=10510](http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=10510)>.

dência, baseada em sua posição de autoridade como testemunha que vivenciou o processo. Mesmo sendo um ser humano que vivencia o que narra, o jornalista algumas vezes não tem força discursiva para se posicionar como sujeito dentro do padrão discursivo que foi construído para a sua profissão.

A legitimidade que conferirá credibilidade ao conteúdo participativo será instaurada não pela afirmação de objetividade discursiva, mas pelo caráter testemunhal que emana do texto enquanto relato de alguém que viveu a situação ou esteve próximo do evento. Assim, não é objetivo do enunciador cidadão ser porta-voz da realidade, como reivindica o jornalismo: sua motivação é mostrar seu ponto de vista e, a partir disto, o narrador fará asserções, organizará os argumentos e fará apelos para persuadir o leitor. Ao contrário do jornalista profissional, o cidadão “não assume compromisso em ser isento” (Brambilla, 2006, p. 90) e escreve a notícia sob o ponto de vista que acha conveniente. Ele fala de experiências próprias, do cotidiano e da realidade dele, dos fatos de que participou ou foi testemunha, dos assuntos de que gosta, pelos quais sente afinidade ou tem alguma ligação passional.

Em vez de números, o autor descreve uma série de situações para dar ideia da quantidade de pessoas presentes e a falta de espaço, dizendo que foi surpreendido pelo número e que não conseguiu chegar perto do palco ou esbarrava em outras pessoas e vendedores. Também é possível identificar um tom mais coloquial em expressões como “grande sacada”, “trombar”, “pertinho do telão” e “tomem conta”. Ao contrário do texto profissional, que explicita e resume o objetivo da matéria logo no primeiro parágrafo, descrevendo como foi o evento em termos numéricos, o texto participativo é construído sob outra estrutura de organização argumentativa, e é só no decorrer e no final do texto que o autor marca a mensagem em si, de que o evento, apesar de ter apresentado bons shows, serviu para jovens se embriagarem.

“Ventania” também não hesita quanto ao uso de termos axiológicos que determinarão uma valoração positiva das apresentações culturais e negativa dos adolescentes presentes. Verifica-se o uso de termos como “deliciar”, “perfeito casamento”, “magnífica apresentação”, “bem organizados” e “grandiosa montagem” para o evento e os shows; e “tristeza”, “degradante” e “mal educados” para os adolescentes. Palavras e expressões que por si não são negativas também recebem juízo de valor conforme a colocação na frase, como quando, ao afirmar que

os jovens gritavam para os transeuntes, o autor insinua que essa atitude não é uma atitude normal, correta ou adequada, carregando o enunciado com uma valoração depreciativa e mostrando que é contrário à conduta dos jovens.

Pela construção enunciativa, o wiki-repórter estabelece suas opiniões e suas relações com o evento e os demais participantes, fazendo várias asserções e usando outras marcas modais, como em “é uma triste realidade”, quando o autor não concorda com a atitude dos adolescentes e determina como causa disto a falta de controle na venda de bebidas pelos vendedores ambulantes. Já com a modalização “seria uma grande sacada”, ele usa uma possibilidade no tempo futuro para defender a realização do evento, desejando que apresentações culturais semelhantes fossem realizadas com mais frequência na cidade, porém em menores proporções. Por fim, a indicação modal pelo uso do tempo futuro em “fará” marca um apelo do autor por meio da projeção negativa de uma possibilidade em que as famílias deixem de ir a eventos como a Virada Cultural porque sentem medo de bêbados e vândalos – sendo este apelo outra asserção de valor, demonstrando o posicionamento patriarcal do enunciador, que considera um determinado padrão familiar como o correto para as relações sociais.

## Considerações finais

Não é possível determinar generalizações a partir de um único exemplo, mas esta análise apontou várias características já sugeridas por autores que estudam o fenômeno do jornalismo participativo – uso intenso da primeira pessoa, predominância do gênero opinativo e exposição explícita do posicionamento ideológico.

Procede, portanto, a afirmação de Kerbrat-Orecchioni (1980), de que a subjetividade está presente em todo e qualquer discurso, e é uma característica gradual. É a partir desta observação que podemos afirmar que o jornalismo tradicional, ao tentar eliminar elementos do sujeito discursivo, possui um grau menor de subjetividade, quando comparado ao jornalismo participativo. Enquanto neste último os autores se responsabilizam pelas asserções de conteúdo, os jornalistas profissionais só afirmam as citações, responsabilizando as fontes pelo seu conteúdo, e deixando o posicionamento do discurso noticioso implicitamente oculto por trás das escolhas das citações e suas formas de apresentação. Ao contrário do participativo, o texto jornalístico profissional realiza uma série de ações que tentam

minimizar o caráter subjetivo do discurso.

Assim, o que se evidencia nessa análise, elaborada por meio da constatação de marcas discursivas distintas, é a existência de posicionamentos diferentes, determinados por diferentes contextos de produção entre profissionais e amadores. Enquanto o jornalista busca criar um efeito de verdade e tem sua autonomia assertiva limitada e condicionada às citações, os cidadãos querem abrir espaço para a manifestação pessoal, o pluralismo e a divulgação de opiniões. Para Rodrigues (2006), essa prática representa o regresso da subjetividade autoral que a profissionalização e a industrialização da atividade tinham apagado em favor da objetividade e da pretensa imparcialidade. Assim, a parcialidade do posicionamento não é temida, e o conteúdo é legitimado pelo caráter testemunhal. Com isso, volta a liberdade para o humor, a polêmica, as sátiras, a poesia – motores do início da imprensa.

Lançar-se contra a imparcialidade pode parecer significar, num primeiro momento, perda de qualidade. Entretanto, a opinião também traz informação e, dessa forma, “através da publicação de inúmeras opiniões que se chega a um nível de pluralidade que poderá conduzir, num grande conjunto de informações, aos outros valores como a aproximação com a verdade” (Rocha *apud* Brambilla, 2006, p. 180). Se no jornalismo tradicional o repórter busca incluir diversas fontes numa mesma matéria, como forma de garantir a pluralidade (e portanto buscar a imparcialidade), no jornalismo participativo isto acontece por meio de abertura para que todos os envolvidos possam também publicar suas matérias e seus respectivos posicionamentos.

Cada um dos dois tipos de texto possui uma postura discursiva própria e procura se legitimar como produtor de conteúdos, e ambos trazem contribuições importantes. A busca do jornalista pela objetividade é desejável (ainda que impossível de ser obtida), porque possibilita um grau menor de imparcialidade – algo muito importante na atividade de informar o grande público e subsidiar sua formação ideológica. Ao mesmo tempo, promover a divulgação da palavra do cidadão significa estimular seu posicionamento crítico e dar voz à sua opinião que, mesmo sendo mais parcial, tem validade testemunhal, incluindo novos pontos de vista, novos ângulos e novas abordagens. Entendendo e diferenciando o posicionamento dos dois gêneros, é possível concluir que o texto profissional jornalístico e o texto participativo possuem funções diferentes e podem coexistir, combinando-se no espaço público da informação.

## Referências

ALMEIDA, J. *Mídia, Opinião Pública ativa e Esfera Pública democrática*. Trabalho apresentado no GT Comunicación, Médios de Difusión y Política del IV Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación (IV ALAIC), 1998 Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/3gt/Jorge%20Almeida.rtf>>. Acesso em: 24 ago. 2007.

BACCEGA, M.A. Discurso da comunicação. In: \_\_\_\_\_. *Comunicação e linguagem*. São Paulo: Moderna, 1998.

BENVENISTE, E. Subjetividade da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 1988.

\_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

BRAMBILLA, A.M. *Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CASTILHO, C. Cada cidadão é um repórter. *Observatório da Imprensa*, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275ENO001>>. Acesso em: 21 out. 2007.

CERVONI, J. O objeto da lingüística. In: \_\_\_\_\_. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

CHARREAUDEAU, P. Grandeza e miséria da palavra jornalística. In: \_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DAHLET, P. Leitura e construção do sentido: a perspective enunciativa. In: MEC (org.). *A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental*. Cadernos Educação Básica – Série Institucional, v.4. Brasília: Imprensa Oficial, 1994.

- FAIRCLOUGH, N. Critical analysis of media discourse. In: \_\_\_\_\_. *Media discourse*. New York: Edward Arnold, 1995.
- FOWLER, R. Discrimination in discourse: gender and power. In: \_\_\_\_\_. *Language in the news: discourse and ideology in the press*. London: Routledge, 1991.
- GILLMOR, D. *We the media: grassroots journalism, by the people, for the people*. Sebastopol: O'Reilly Media, 2004. Disponível em: <<http://www.oreilly.com/catalog/wemedia/book/index.csp>>. Acesso em: 02 set. 2007.
- GOMES, M.R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Les subjectivèmes “affectif” et “évaluatif”; axiologisation et modalisation. In: \_\_\_\_\_. *L'Énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.
- MARIANI, B.S.C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: IN-DURSKY, F.; FERREIRA, M.C. (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
- PERUZZO, C. Webjornalismo: do Hipertexto e da Interatividade ao Cidadão Jornalista. *Revista Verso e Reverso*. Ano XVII, Nº 37, 2003. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=3>>. Acesso em: 24 ago. 2007. Não paginado.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M.R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjournal.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2007.
- RODRIGUES, C. *Blogs e a fragmentação do espaço público*. LABCOM, Universidade da Beira Interior, Covilhã – Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/rodrigues-catarina-blogs-fragmentacao-espaco-publico.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2007.
- RODRIGUES, S. *Jornalismo versus Jornalismo cidadão*. Outubro de 2006. Não paginado. Disponível em: <<http://publicacoes-fac.blogspot.com/2006/10/jornalismo-versus-jornalismo-cidadao.html>>. Acesso em: 24 ago. 2007.
- VILCHES, L. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, D. (org.) *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

Ana Silvia Lopes Davi Médola é professora adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP). E-mail: <[anasilviamedola@gmail.com](mailto:anasilviamedola@gmail.com)>.

Mariana Dourado Grzesiuk é jornalista, mestranda em Comunicação na FAAC/UNESP e bolsista da FAPESP E-mail: <[mari\\_mdg@hotmail.com](mailto:mari_mdg@hotmail.com)>.

Recebido para avaliação em outubro de 2010.  
Aprovado para publicação em fevereiro de 2011.

